

A PARATOPIA DO AUTOR NO CONTO “TEORIA DO MEDALHÃO” DE MACHADO DE ASSIS

Juliana Recalde GIMENEZ¹

Rosalina Brites de ASSUNÇÃO²

RESUMO

O presente trabalho tem a finalidade de demonstrar como a paratopia do autor é expressa discursivamente no conto “Teoria do Medalhão”, de Machado de Assis. Adota-se como suporte teórico os pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa, sobretudo a noção de paratopia, proposta por Maingueneau (2006) para o estudo do discurso literário. O autor considera que é no processo de criação da obra literária que o escritor constrói para si um lugar no mundo. Inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre o referencial teórico, levantando o material publicado em livros e redes eletrônicas. A seguir, foi desenvolvida uma pesquisa analítica e descritiva do conto, através da qual, constatamos como a paratopia do autor se constrói na sociedade inscrita na obra. Para Maingueneau (2006) o escritor pode construir na enunciação literária a sua paratopia, e essa construção longe de ser exterior à obra, é parte da sua criação. A pesquisa permitiu-nos evidenciar que a paratopia do autor no conto machadiano se constrói na enunciação pelo uso recorrente da ironia expressa no diálogo das personagens.

Palavras-chave: Análise do discurso. Enunciação literária. Paratopia.

1 INTRODUÇÃO

Considerado por Maingueneau (2006) como um discurso constituinte, o discurso literário possui em seu corpus aspectos exteriores inerentes ao seu conteúdo, isto é, a partir do momento em que uma obra é analisada como um discurso literário, os fatores exteriores passam a ser importantes e determinantes para a produção literária e para a construção dos sentidos.

Tendo em vista a possível articulação entre a Literatura e a Análise do Discurso, e que esta última pode contribuir para redimensionar as reflexões sobre a leitura literária, apresentamos neste artigo uma análise linguístico-discursiva do conto “Teoria do Medalhão”. Ao analisar esse conto, voltamos o olhar para a escrita e a técnica de Machado de Assis, que apresenta em sua estética literária traços que indicam o seu posicionamento

¹ Acadêmica do curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Aquidauana. **E-mail:** ju.recaldes@hotmail.com

² Professora adjunta do curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Aquidauana. **E-mail:** rositabrites@hotmail.com

político e social nas diferentes narrativas que compõem o conjunto de sua obra. Dessa forma, podemos entender que o autor não deixa suas obras ao acaso, mas acrescenta marcas de uma intencionalidade, introduzindo recursos linguísticos que conduzem a uma reflexão crítica de seu leitor.

Para apreender de que forma o posicionamento do autor influencia em sua obra, evidenciamos o conceito de “paratopia” de acordo com os estudos de Maingueneau (2006). Assim, por meio de uma pesquisa bibliográfica e analítica, efetuou-se uma pesquisa para melhor compreensão do referencial teórico, o que foi sintetizada neste artigo. Analisamos o conto de Machado, demonstrando traços referenciais que apresentam o posicionamento do autor na sociedade inscrita em sua obra, assim como, nas estéticas literárias das quais foi contemporâneo.

2 SOBRE O CONTO DE MACHADO DE ASSIS

O conto “Teoria do Medalhão”, de Machado de Assis publicado originalmente em 1881, no jornal “Gazeta de Notícias”, foi integrado, no ano seguinte, a uma coletânea de contos denominada “Papéis Avulsos”. O conto se estrutura como um diálogo entre pai e filho em que predomina a fala do pai. O diálogo acontece depois de um jantar de comemoração dos 21 anos do filho, que se chama Janjão, em que o pai busca aconselhá-lo sobre como alcançar prestígio na sociedade.

Segundo Bosi (2007), a narrativa “Teoria do Medalhão” está classificada no grupo dos contos considerados contos-teoria, isto é, apresenta uma teoria que indica o sentido das relações sociais, salientando o desejo, o interesse e o valor social como matéria prima para instituir uma teoria de comportamento. Bosi (2007, p. 84) afirma que Machado demonstra com essa teoria “a certeza pós-romântica de que é uma ilusão supor a autonomia do sujeito” e, por essa razão, é um risco para o próprio sujeito parecer diferente e não se incluir na sociedade que vive de aparência.

Depreendemos da afirmação de Bosi (2007) que o conto possui uma motivação que vai além da apreciação literária, constituindo-se como uma espécie de representação de um aspecto social, as relações entre as pessoas. Essa teoria das relações sociais e da motivação delas pode ser encontrada no conto “Teoria do Medalhão”; primeiramente na relação familiar, entre pai e filho, e posteriormente, na relação que este último deve manter com os demais membros da sociedade.

Completada a idade de vinte um anos é chegada a hora de Janjão pensar no futuro e escolher a sua profissão, e seu pai não vê uma melhor carreira do que a de “Medalhão”. O medalhão, segundo o conto, é aquele homem importante, um figurão a quem os outros querem seguir, seria uma espécie de modelo de conduta, um *status* a ser alcançado. Ser um medalhão é um desejo frustrado do pai, que alimenta suas esperanças no filho e que durante a conversa delimita inúmeras ações que podem/devem ou não ser feitas. Sobre a carreira e o *status*:

— Nenhum me parece mais útil e cabido que o de medalhão. Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti (ASSIS, 2006, p. 42).

Dessa forma, o pai orienta o filho a mudar alguns hábitos e costumes, enfim a mudar a sua maneira de ser para se tornar um medalhão, alguém reconhecido socialmente. Para tal, Janjão deveria abrir mão de seus pensamentos, ideais e somente seguir o que os demais propunham. Deveria, portanto, despir-se de sua essência e viver de aparências, deixando para trás qualquer aspecto de sua real personalidade. Assim, poderia adentrar ao mundo da glória e se tornar notório para os demais membros da sociedade, desfrutando da fama, do poder e do dinheiro que essa profissão proporciona.

3 O DISCURSO LITERÁRIO E A PARATOPIA

Em seu estudo sobre o discurso literário, Maingueneau (2006) enfatiza a importância do posicionamento do autor em sua obra para a própria criação da atividade enunciativa. O linguista francês estuda o que denominou “paratopia”, ou seja, o “pertencimento paradoxal” (MAINGUENEAU, 2006, p. 159) do autor na sua obra, a partir da noção de espaço dentro das narrativas. Isto porque, o espaço em um romance pertence ao mundo real e ao mesmo tempo não pertence, uma vez que é um lugar construído pelo autor, para justificar a inserção de sua obra num contexto interdiscursivo.

Vemos dentro de uma obra literária aspectos sociais e culturais que fazem parte do mundo exterior por representarem de certa forma semelhanças situacionais com a realidade, contudo por se tratar de uma ficção eles não podem fazer parte dela. Dessa forma, podemos inferir desse pertencimento e ao mesmo tempo não pertencimento, que o espaço dentro da obra é “um lugar impossível”. Assim, se configura uma paratopia, “que

não é ausência de lugar, mas uma difícil negociação entre o lugar e o não lugar” (MAINGUENEAU, 2006, p. 68).

Ao explicar sobre o não pertencimento da instituição literária ao espaço social, Maingueneau (2006) esclarece que o discurso literário, por ser também um discurso constituinte, confere sentidos voltados para a coletividade, pois a literatura pode de acordo com o autor ser comparada a uma rede de lugares na sociedade, não permitindo dessa forma um espaço específico. Logo, “aquele que enuncia no âmbito de um discurso constituinte não poderia situar-se nem no exterior nem no interior da sociedade: está fadado a dotar sua obra do caráter radicalmente problemático de seu próprio pertencimento a essa sociedade,” (MAINGUENEAU, 2006, p. 68), fato que caracteriza o posicionamento do escritor na sua obra.

O não pertencimento a uma sociedade inscrita na obra caracteriza a produção literária como paratópica, uma vez que negocia a inserção do escritor entre o lugar e o não lugar, um pertencimento parasitário que se alimenta de uma inclusão impossível. Nesse sentido, a paratopia é definida por Maingueneau (2006, p. 62) como “uma localização parasitária, que retira vida da própria impossibilidade de estabilizar-se”.

Ainda sobre a paratopia vivida pelo autor no processo de criação, Maingueneau (2006) a considera como uma questão individual, em que o escritor tem que se afastar biograficamente. Assim, ele cria as condições para a sua própria criação, por meio de seu afastamento, só assim, ele poderá mover seus conhecimentos para de fato estruturar suas obras. Logo, a paratopia se alimenta de um afastamento metódico do mundo, e também do esforço de se inserir nele.

Maingueneau (2006) exemplifica a paratopia do autor a partir das figuras de Verlaine e Mallarmé, demonstrando como cada um a sua maneira se vincula com o exercício da literatura de sua época. Vejamos:

No século XIX, não bastava levar uma vida de boêmio ou frequentar os cenáculos para ser criador. Embora se costume considerar Verlaine e Mallarmé poetas simbolistas, e apesar de os dois serem modestos funcionários parisienses (o primeiro, escrevente na prefeitura; e o outro, professor secundário), suas trajetórias são muito diferentes: enquanto Verlaine, depois de um período de ajuste entre seu emprego administrativo e a vida de boêmio, naufragou progressivamente numa existência caótica, Mallarmé leva aparentemente a vida organizada de um modesto professor de inglês. Cada um geriu de uma dada maneira a paratopia do escritor, e essa gestão, longe de ser exterior à obra, é parte da criação. (MAINGUENEAU, 2006, p. 109).

Dessa forma, Maingueneau (2006, p. 68) explica a paratopia como uma localidade paradoxal “que não é ausência de lugar, mas uma difícil negociação entre o lugar e o não lugar”. Assim a paratopia envolve o processo criador, na medida em que, na enunciação literária, o escritor demonstra o seu “não pertencimento” à sociedade inscrita na obra, e ainda ao escrever sobre determinado tema, o autor se distancia do seu lugar literário, se afasta do que é esperado pelo leitor.

Segundo Maingueneau (2006), se pensarmos em uma estética vigente, mesmo a obra literária querendo ser universal a sua emergência é local, se constituindo por meio de normas e relações de força dos lugares em que surge. Fato que fica evidente se denotarmos que mesmo que os regimes literários vigentes como o Romantismo impõe um modelo estético para ser seguido por seus contemporâneos, ainda assim, podemos notar algumas divergências e certa autonomia de alguns autores. São grupos que se posicionam paratopicamente ao espaço literário vigente, criando seus próprios princípios estéticos.

Sendo assim, de acordo com Maingueneau (2006) a obra literária se encontra nessa fronteira de um pertencimento impossível, um fato relatado não pertence à sociedade exterior, mas, ao mesmo tempo, faz parte dela por ser característico dos seres humanos. Logo, a paratopia dá a possibilidade de acesso a um lugar, mas proíbe o seu pertencimento efetivo.

Na obra literária, a paratopia é a representação de algo que não se encaixa no padrão esperado. Maingueneau (2006) cita como exemplo um órfão, que pode participar das relações familiares, mas não pertence à família por não fazer parte da árvore genealógica da mesma. O travesti que transita entre o homem e a mulher, por isso vive uma paratopia sexual. A paratopia espacial é representada pela personagem que vive em um lugar que não é o seu, por exemplo, um exilado que canta saudades de sua terra natal em outro país. Ainda há as paratopias temporais, de identidade e linguística. Esta última é essencial para a literatura, ela une as outras para a criação do escritor, conforme as palavras de Maingueneau (2006, p. 94):

Assim, a criação se alimenta de tudo: de uma paratopia de andarilho que recusa o lugar que lhe pretende impor o mundo dominado pela nobreza e, ao mesmo tempo, de uma paratopia de nobre que não encontra lugar num mundo de burgueses. Ela se alimenta de um afastamento metódico e ritualizado do mundo, bem como do esforço permanente de nele se inserir, do trabalho da imobilidade e do trabalho do movimento. (MAINGUENEAU, 2006, p. 94).

É na enunciação literária que, conforme Maingueneau (2006, apud SEVERO;

GIERING, 2011, p. 288), “o escritor constrói o seu lugar no mundo, por meio da expressão de sua paratopia”. Dessa forma, o escritor literário apresenta em sua obra algumas paratopias recorrentes como a paratopia de identidade, paratopia espacial, paratopia temporal a paratopia linguística entre outras.

Portanto, vemos que a paratopia é um dos fatores essenciais para a criação enunciativa do escritor³, e através do seu posicionamento paratópico é possível conhecer mais sobre a sua visão da sociedade e do campo literário em que se situa.

4 A PARATOPIA DO AUTOR NO CONTO “TEORIA DO MEDALHÃO”

Ao escrever uma obra literária, o escritor, o criador, de acordo Maingueneau (2006), se posiciona paratopicamente no processo de criação, logo o autor estaria de forma marginal, na fronteira do texto. Ao assumir o texto como algo influenciado pelo exterior, primeira premissa para se considerar um discurso literário, pressupõe-se que a obra sofra influências do meio em que é criada e do conhecimento de quem a criou. A partir dessa colocação podemos identificar uma paratopia do autor.

No “motor da criação” (MAINGUENEAU, 2006), o autor seleciona e organiza seus conhecimentos para a caracterização da obra, é nesse momento que a sociedade e a vida do escritor podem ser relacionadas. É o que se pretende demonstrar com a análise do conto “Teoria do Medalhão”.

Conhecendo a estética de Machado de Assis podemos inferir segundo que o autor não se adequou efetivamente à estética literária vigente no século XIX. Mesmo refletindo em suas obras iniciais alguns aspectos do Romantismo, ele renegou outros. Crítico assíduo, segundo Bastide (2002/2003) Machado de Assis mostrou sua oposição ao sentimentalismo e ao excesso de nacionalismo dos românticos, que exploravam a natureza como o único patrimônio realmente nacional.

Machado de Assis também contrariou o realismo dominante do século XIX, período literário que buscava uma ficção centrada na descrição detalhada da realidade humana. O autor mostrou o seu descontentamento com o excesso de descritivismo, preocupação do realismo para mostrar a verdade. Ele introduz em suas obras a reflexão de que a obra ainda está em processo de criação, devendo deixar ao leitor a perspicácia de

³ Segundo Maingueneau (2006, p. 136) autor é a função social e escritor seria o ator que define uma trajetória na instituição literária.

tirar suas próprias conclusões.

A singularidade de sua estética nutre-se de um afastamento dos modelos de criação do Realismo, fato que pode ser melhor esclarecido por Candido (1995, p. 4)

Num momento em que os naturalistas atiravam ao público assustado a descrição minuciosa da vida fisiológica, ele timbrava nos subentendidos, nas alusões, nos eufemismos, escrevendo contos e romances que não chocavam as exigências da moral familiar. (CANDIDO, 1995, p. 4).

A perspicaz utilização da ironia em suas obras o distinguia dos demais autores, à medida que caracterizava a sua linguagem e atribuía a ela maior elegância. Sobre o seu estilo Candido (1995, p. 3) esclarece:

Logo que ele chegou à maturidade, pela altura dos quarenta anos, talvez o que primeiro tenha chamado a atenção foram a sua ironia e o seu estilo, concebido como “boa linguagem”. Um dependia do outro, está claro, e a palavra que melhor os reúne para a crítica do tempo talvez seja finura. Ironia fina, estilo refinado, evocando noções de ponta aguda e penetrante, de delicadeza e força juntamente. A isto se associava uma ideia geral de urbanidade amena, de discrição e reserva. Num momento em que os naturalistas atiravam ao público assustado a descrição minuciosa da vida fisiológica, ele timbrava nos subentendidos, nas alusões, nos eufemismos, escrevendo contos e romances que não chocavam as exigências da moral familiar. (CANDIDO, 1995, p. 3).

O enunciado mostra de que forma a ironia Machadiana critica a orientação perversa da sociedade de aparências, onde as pessoas são movidas pelo interesse. A moral, muitas vezes é esquecida para se alcançar o desejado, como podemos verificar nas palavras de Bosi (2006) a respeito desse recurso estético de Machado.

Compreender o olhar de Machado é pôr-se à escuta de toda uma tradição de análise dos comportamentos humanos, ancorada na percepção do amor próprio onipresente, da vaidade, da precariedade da consciência, da primazia do interesse e do desejo sobre as exigências do dever, ou, usando categorias freudianas, do princípio do prazer sobre o princípio da realidade. (BOSI, 2006, p. 121).

Vemos que não existe em Machado de Assis uma preocupação com a descrição linear de suas personagens, ele criou uma estética própria, original que enriquece essas personagens, misturando o real com o imaginário, desvelando o que cada uma tinha de melhor ou pior. Além disso, de acordo com Candido (1995, p. 6) “muitos dos seus contos e alguns dos seus romances parecem abertos, sem conclusão necessária, ou permitindo uma dupla leitura, como ocorre entre os nossos contemporâneos”, o autor também

esclarece no que consistia a técnica de Machado de Assis, segundo ele:

A sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que o ato corriqueiro. Aí está o motivo da sua modernidade, apesar de seu arcaísmo de superfície. (CANDIDO, 1995, p. 6).

Esse não pertencimento à “tribo” dos românticos sentimentais e nacionalistas e a dos realistas-descritivistas-lineares manifesta a paratopia do autor, ou seja, a impossibilidade de situar-se nos dois períodos literários. Ele foi contemporâneo desses dois períodos, teve acesso aos dois, contudo não se sentiu pertencer a nenhum, pois discordava de várias características estéticas já mencionadas. Esse aspecto está visível no seguinte trecho do conto “Teoria do Medalhão”:

— Podes; puedes empregar umas quantas figuras expressivas, a hidra de Lerna, por exemplo, [...] e outras, que românticos, clássicos e realistas empregam sem dosar, quando precisam delas. Sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, brocados jurídicos, máximas, é de bom aviso trazê-los contigo para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento. (ASSIS, 2006, p. 44).

No excerto acima fica evidente a paratopia do autor em relação à estética literária de seu tempo, pois o enunciado do pai enfatiza o que ele pensa sobre as expressões retóricas dos românticos e a dos realistas, esclarecendo que elas não passam de figuras expressivas, são discursos de sobremesa que devem ser usados para distrair as demais pessoas, pois não revelam nada de crítico e reflexivo.

No seu processo criativo, Machado de Assis demonstra que alguma coisa na sociedade o incomodava, algo que se mostra recorrente em suas obras e que pôde expor a partir do uso de estratégias de ironia, isto é, “dizer o contrário do que se quer fazer o destinatário compreender” Charaudeau (2014, p. 291). Esse desconforto, ou seja, o sentimento de não pertencimento à sociedade da época também ocorre no conto “Teoria do Medalhão”, como se observa na fala do pai para o filho, ao aconselhar de que forma ele deve se portar na sociedade. Observemos:

Uma vez entrado na carreira, debes pôr todo o cuidado nas ideias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente; coisa que entenderás bem, imaginando, por exemplo, um ator defraudado do uso de um braço. Ele pode, por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da plateia; mas era muito melhor dispor dos dois. O mesmo se dá com as ideias; pode-se, com violência, abafá-las, escondê-las até à morte; mas nem essa

habilidade é comum, nem tão constante esforço conviria ao exercício da vida. (ASSIS, 2006, p. 34).

Nesse trecho vemos o conselho do pai para o filho não demonstrar opiniões para a sociedade, não expor as próprias ideias para não contrariar o outro. Calar-se seria a melhor das atitudes para crescer social e economicamente, isto é, atingir o *status quo* do medalhão. Essa forte crítica social que o autor inclui em suas obras, crítica destinada à sociedade que vive de aparências, que perpetua valores corruptivos, ao homem que se deixa manipular pela ganância. A figura que manipula sem escrúpulos é comparada áqueles que se utilizam de máscaras num baile, em que a aparência destoa da essência.

Esse pertencimento paradoxal, segundo Maingueneau (2006, p. 92) obriga “os processos criadores a alimentar-se de lugares, grupos, comportamentos que são tomados num pertencimento impossível”, fato sucedido com Janjão que deve assumir paratopicamente uma nova maneira de ser ao se tornar um medalhão.

A questão que devemos discutir aqui é de como Machado de Assis se posicionou nesse baile de máscaras, ao se ver frente a frente com esses tipos sociais, numa sociedade que possivelmente o indignava. Então, ao adentrar no mundo poético do autor, percebemos sua posição paratópica na sociedade em que se contextualiza o conto, “Teoria do Medalhão”. O tom irônico que o pai de Janjão utiliza ao se referir à linguagem figurativa desprovida de nexos dos intelectuais da época demonstra, de certa forma, o descontentamento do autor com a falta de conteúdo dos locutores e interlocutores da sociedade de seu tempo. É o que se observa no fragmento abaixo em que aparece explícito no conselho do pai a Janjão, a crítica ao uso decorativo e vazio da linguagem:

Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil. Não as relaciono agora, mas fá-lo-ei por escrito. De resto, o mesmo ofício te irá ensinando os elementos dessa arte difícil de pensar o pensado. Quanto à utilidade de um tal sistema, basta figurar uma hipótese. Faz-se uma lei, executa-se, não produz efeito, subsiste o mal. Eis aí uma questão que pode aguçar as curiosidades vadias, dar ensejo a um inquérito pedantesco, a uma coleta fastidiosa de documentos e observações, análise das causas prováveis, causas certas, causas possíveis, um estudo infinito das aptidões do sujeito reformado, da natureza do mal, da manipulação do remédio, das circunstâncias da aplicação; matéria, enfim, para todo um andaime de palavras, conceitos, e desvarios. Tu poupas aos teus semelhantes todo esse imenso aranzel, tu dizes simplesmente: Antes das leis, reformemos os costumes! — E esta frase sintética, transparente, límpida, tirada ao pecúlio comum, resolve mais depressa o problema, entra pelos espíritos como um jorro súbito de sol. (ASSIS, 2006, p. 44).

Podemos evidenciar através da fala do pai a opinião do escritor a respeito da repetição de ideias e termos recorrentes do senso comum, isto é, do discurso vazio que não exige reflexão. Se nas palavras e usos do pai nós temos uma crítica para o que ele considera “todo um andaime de palavras, conceitos, e desvarios” (ASSIS, 2006, p.44), fica evidente que o escritor era contrário a tanta superficialidade, ou melhor, a tanto pedantismo. Isso nos reporta à fala de Maingueneau (2006), ao afirmar que cada escritor pode construir, de certa maneira, a sua paratopia e essa construção, longe de ser exterior à obra, é parte da sua criação.

Assim, podemos, com base nos pressupostos teóricos do linguista francês, afirmar que o excerto anterior revela no conto “Teoria do Medalhão” a paratopia do escritor (o não pertencimento ao grupo literário do Romantismo), uma vez que envolve o seu processo criador, pois não “há situação paratópica exterior a um processo de criação [...]”, a paratopia é simultaneamente aquilo de que se precisa ficar livre por meio da criação e aquilo que a criação aprofunda [...] (MAINGUENEAU, 2006, p. 109).

Também a escolha de estruturar o seu texto através de um diálogo é o primeiro indício de que o autor tentou dar um ar de verdade aos comportamentos sociais. No discurso do pai vemos a ausência de receios em deformar o filho, e este concorda com o pai à medida que percebe as vantagens futuras que poderá ter se seguir todas as instruções sugeridas. Aqui o processo de criação evidenciado no modo de enunciar constitui a paratopia corroborando assim o que afirma Maingueneau (2006, p.108), “só existe paratopia elaborada mediante uma atividade de criação e de enunciação”.

Ainda podemos evidenciar na fala do pai, a ironia do autor ao tratar da hipocrisia do ser humano, revelando a sua aversão ao modo de ser enganoso que a sociedade impõe aos seus membros. Isso se estende a todas as camadas sociais, sobretudo na política, como vemos a seguir “- Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma ideia especial a esses vocábulos, e reconhecer-lhe somente a utilidade do *scibboleth*⁴ bíblico” (ASSIS, 2006, p. 46).

⁴ *Scibboleth bíblico*: O trabalho mental, que não suja as mãos e não fatiga o corpo, pode constituir, com efeito, ocupação em todos os sentidos digna de antigos senhores de escravos e dos seus herdeiros. Não significa forçosamente, neste caso, amor ao pensamento especulativo [...], mas amor à frase sonora, ao verbo espontâneo e abundante, à erudição ostentosa, à expressão rara [...]. [I] inteligência há de ser ornamento e prenda, não instrumento de conhecimento e ação. (HOLANDA, 2004).

Ao assumir a paratopia do discurso literário, ao integrá-lo a um processo criador, o escritor é, segundo Maingueneau (2006, p. 108), “alguém cuja enunciação se constitui através da própria impossibilidade de atribuir a si o verdadeiro lugar, que alimenta a sua criação do caráter radicalmente problemático de seu pertencimento ao campo literário e à sociedade”.

Percebemos que um texto literário tem muito mais a oferecer do que apenas uma apreciação estética. Por meio dele, temos a oportunidade de refletir sobre a situação que ele narra. Além disso, o texto deve transportar o leitor ao mundo que ele retrata proporcionando um conhecimento reflexivo e coerente com cada contexto. Dessa forma, ele possibilita inúmeras construções de sentidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho busca contribuir para ampliar o debate sobre a articulação entre a área da Análise do Discurso e a Literatura. Para tanto foi desenvolvida uma pesquisa analítica e descritiva do conto Teoria do medalhão, através da qual, constatamos como a paratopia do autor se constrói na sociedade inscrita na obra.

A partir da análise descritiva do diálogo presente no conto, pôde-se perceber como o autor se posiciona paratopicamente na sociedade de aparências apresentada na obra. Machado de Assis ficou conhecido pelo retrato fiel que fez dos tipos sociais, fugindo da romantização das personagens, mostrando o ser humano com suas virtudes e defeitos. Através da ironia ele criticou a sociedade de aparências, que deixava de lado a essência do ser humano.

Assim, o autor mostra a sua paratopia, isto é, seu “não pertencimento” a essa sociedade inscrita na obra, assim como, o não pertencimento à corrente estética de sua época. Por meio dessas inferências conseguimos conhecer melhor a sociedade em que a obra foi gestada e percebemos o posicionamento do autor em sua própria criação em que desvela os defeitos das pessoas, como encenar, omitir, falar impropérios e agir com hipocrisia.

Dessa forma, enxergamos a narrativa como uma crítica direta do autor para essa sociedade hipócrita do século XIX e a de todos os tempos. Logo, tanto a análise do aspecto linguístico como o do extralinguístico nos permitem construir o sentido da narrativa que, como atividade de criação e enunciação, também elabora a paratopia do autor.

A pesquisa permitiu-nos evidenciar que a paratopia do autor no conto machadiano

se constrói na enunciação pelo uso recorrente da ironia expressa no diálogo das personagens.

Este trabalho pretende contribuir com os estudos que buscam um entrelaçamento analítico das áreas da Análise do Discurso e Literatura. A partir dos constructos teóricos e dos procedimentos analíticos da Análise do Discurso, sobretudo dos estudos de Maingueneau tentou-se demonstrar outro viés de análise da obra literária.

LA PARATOPIA DEL AUTOR EN EL CUENTO “TEORIA DO MEDALHÃO” DE MACHADO DE ASSIS

RESUMEN

En este trabajo se busca demostrar como la paratopía del autor se expresa discursivamente en el cuento “Teoria do Medalhão”, de Machado de Assis. Se ha adoptado en la pesquisa los apoyos teóricos del Análisis de Discurso de tradición francesa, sobretudo la noción de paratopía propuesta por Maingueneau (2006) para el estudio del discurso literario. El autor cree que es en el proceso de creación de la obra literaria que el escritor construye su propio espacio en el mundo. Inicialmente se hizo una pesquisa bibliográfica, filtrando el material publicado en libros y en redes electrónicas. Enseguida, se desarrolló la pesquisa analítica y descriptiva del cuento en que se constató como la paratopía del autor se construye en la sociedad inscripta en la obra. Para Maingueneau (2006) el escritor puede construir su paratopía en la enunciación literaria y esa construcción no se configura como un referente exterior al texto, sino que hace parte de su creación. La pesquisa ha evidenciado que la paratopía en el cuento machadiano se edifica en la enunciación por el uso recurrente de la ironía en el diálogo de los personajes.

Palabras-clave: Análisis del Discurso. Enunciación literaria. Paratopía.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de. Teoria do medalhão. In: ASSIS, M. de. **Papéis Avulsos**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

BASTIDE, R. Machado de Assis, Paisagista. **Revista USP**, São Paulo, n. 56, p. 192-202, dez./fev. 2002/2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33821>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

BOSI, A. **O enigma do olhar**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

CANDIDO, A. Esquema de Machado de Assis. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. Disponível em: <http://paginapessoal.utfpr.edu.br/mhlima/Esquema_Machado_de_Assis.pdf/view>. Acesso em: 4 fev. 2016.

GIMENEZ, J. R.; ASSUNÇÃO, R. B. de. A paratopia do autor no conto “Teoria do medalhão” de Machado de Assis. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 3, p. 9-21, dez. 2016.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário da Análise do Discurso**. Coordenação de tradução Fabiana Komesu. 3. ed. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2014.

GIERING, M. A.; SEVERO, R. N. Língua e Literatura: espaço de criação identidárias. **Revista Desenredo**, Passo Fundo, v. 7, n. 2, p. 288-311, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/2404/1557>>. Acesso em: 4 jan. 2016.

MAINGUENEAU, D. O Discurso Literário contra a Literatura. In: MELLO, R. **Análise do Discurso e Literatura**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2005. p. 17-29.

MAINGUENEAU, D. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

Recebido em: 31 maio 2016.

Avaliado em: 05 set. 2016.

Publicado em: 31 dez. 2016.

Como referenciar este artigo científico:

GIMENEZ, Juliana Recalde; ASSUNÇÃO, Rosalina Brites de. A paratopia do autor no conto “Teoria do medalhão” de Machado de Assis. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 3, p. 9-21, dez. 2016.

GIMENEZ, J. R.; ASSUNÇÃO, R. B. de. A paratopia do autor no conto “Teoria do medalhão” de Machado de Assis. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 3, p. 9-21, dez. 2016.